Dia 25 — Santa Catarina de Alexandria, Virgem e Mártir

Martirológio Romano

O triunfo de Santa Catarina, virgem e mártir; a qual em Alexandria, no império de Maximino, por haver confessado a fé de Cristo foi posta na cadeia, açoitada por longo tempo com escorpiões e, por último, degolada, alcançou a palma do martírio. Seu corpo foi milagrosamente trasladado pelos Anjos ao monte Sinai, onde é venerado com grande concurso e devoção. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

São Moisés, presbítero e mártir, em Roma; ao qual, estando com outros na cadeia, consolou muitas vezes São Cipriano com suas cartas. Fez frente este Santo com ânimo invencível não só aos gentios, mas também aos cismáticos e hereges novacianos e por fim, na perseguição de Décio, como refere São Cornélio papa, foi glorificado com um admirável martírio.

Santo Erasmo, mártir, em Antioquia. (Não deve confundir-se este Santo com Santo Erasmo, bispo e mártir, chamado também Elmo ou Ermo, cuja comemoração faz o Martirológio a 2 de junho.)

O martírio de São Mercúrio, soldado, em Cesareia da Capadócia; o qual, com a proteção do Anjo que o guardava, venceu os bárbaros, triunfou da crueldade de Décio e, cheio de troféus dos muitos tormentos que padeceu, voou ao céu com a coroa do martírio. (Seu santo corpo foi posteriormente trasladado a Benevento, na Itália, de cuja cidade é padroeiro.)

Santa Jacinta, virgem, em Emília, província da Itália.

Santa Catarina de Alexandria, Virgem e Mártir

Santa Catarina foi natural da cidade de Alexandria. Empregou os primeiros anos de sua vida no estudo das letras sagradas e profanas; e, como estava dotada de excelente engenho, chegou a ser

um prodígio de sabedoria. Sucedeu que Maximino II, originário da Dácia e sobrinho de Maximiano Galério, genro de Diocleciano, entrou a repartir o império com Constantino o Grande e com Licínio; e, como o Egito pertencia a sua jurisdição, era sua mais ordinária residência a cidade de Alexandria, capital daquela província. Era Maximino príncipe cruel, não menos herdeiro de Diocleciano e de Galério no ódio implacável contra os Cristãos que na coroa imperial. Publicou um edito nestes termos: «A todos os que vivem debaixo de nosso império, saúde. Tendo recebido da clemência dos deuses um assinalado benefício, resolvemos oferecer-lhes sacrifícios em manifestação de nosso agradecimento. Portanto, exortamo-vos a que todos concorrais junto a nossa pessoa para mostrar de vossa parte o zelo que tendes por nossos adoráveis deuses. No mais, se alguém menosprezar nosso edito ou seguir outra religião, além de que irritará contra si a cólera dos deuses, será rigorosamente castigado.» Acudiram de todas as partes para obedecer ao Imperador. Estava o ar escurecido com o fumo das vítimas; mas, enquanto se ofereciam sacrifícios aos demônios, aplicava-se Catarina a sustentar a fé dos Cristãos, fazendo-lhes demonstração de que os oráculos do gentilismo eram puras ilusões e os que se chamavam deuses haviam sido homens mortais que se fizeram famosos por suas dissoluções; e, enfim, que não se podia obedecer ao edito do Imperador sem fazer-se réus das penas eternas com que os castigaria Deus, criador do céu e da terra, único Senhor que merecia ser adorado. Depois de haver confirmado assim os Cristãos, determinou apresentar-se ao mesmo Imperador para fazer-lhe visível sua impiedade, escolhendo para isso aquele tempo mesmo em que estava sacrificando aos deuses do império. Pediu, pois, que lhe permitissem falar-lhe; e, como estava dotada de uma presença majestosa, igualmente que de uma rara formosura, sem dificuldade foi admitida à audiência. Disse, pois, ao Imperador, com uma resolução que somente a fé podia inspirar e sustentar, que por si só devia já haver reconhecido que aquela multidão de deuses que adorava era outra tanta multidão de erros que seguia, pois a mesma razão natural estava demonstrando que não podia haver mais que um supremo soberano Ser, único e primeiro princípio de todas as coisas. Mas, já que sua mesma razão não lhe havia descoberto uma verdade tão patente, devia ao menos render-se ao testemunho de seus mais sábios Doutores, os quais distinta e claramente ensinavam que não havia nem podia haver mais que um só Deus, descobrindo a origem da multidão de seus deuses. Citou-lhe para isso Diodoro Sículo, Plutarco e alguns outros, acrescentando que lhe parecia muito estranho que um Imperador que por sua autoridade e por seu caráter devia desviar os povos do supersticioso culto de mentidas divindades os provocasse a ele com seu exemplo. E portanto lhe suplicava que se dignasse pôr fim àquela desordem, rendendo ao verdadeiro Deus o supremo culto de adoração que se lhe deve, se não queria expor-se a que, cansado de tolerar tanto sacrilégio, o fizesse por fim conhecer que era o soberano Dono do universo, tirando-lhe com o império a vida. Não é fácil explicar o surpreendido que ficou o Imperador à vista daquele não esperado discurso; mas, por não dar a entender que lhe havia feito força, somente lhe respondeu que não interromperia o sacrifício por suas representações e que, em acabando-o, a ouviria a sua satisfação. Logo que o Imperador voltou ao palácio, mandou chamar Catarina e lhe perguntou quem era e quem lhe havia dado licença para falar-lhe com tanta liberdade num concurso tão público, tão majestoso e tão respeitável. «Quem sou eu», respondeu-lhe a Santa, «é bem sabido em toda a cidade de Alexandria: chamo-me Catarina, e minha casa é das mais ilustres do país. Dediquei toda a vida ao conhecimento da verdade: quanto mais estudava, quase mais ia descobrindo a vaidade dos ídolos que adoras. Minha glória e minhas riquezas consistem em ser cristã e esposa de Jesus Cristo. Todo o meu desejo é que tu e teu império o conheçais, renunciando às superstições em que vos criastes:

isto me deu alento para apresentar-me no templo, sem outro fim que o de fazer-te uma representação tão humilde como importante e verdadeira.» Não se considerando o Imperador com suficiente cabedal para contestar à donzela filósofa, mandou convocar cinquenta filósofos dos mais nomeados, com ordem de que se hospedassem no palácio, onde foram tratados com a maior honra, como que eram os mestres do mundo. Ainda não haviam chegado os deputados do Imperador onde se achava a Santa para conduzi-la ao teatro da disputa quando lhe apareceu um Anjo e lhe disse que não temesse, assegurando-lhe que o Senhor lhe comunicaria tanta abundância de luz que converteria os cinquenta filósofos, com outros muitos dos circunstantes, fazendo-lhes conhecer Jesus Cristo, e por fim de seu glorioso triunfo receberia a palma do martírio. Dito isto, desapareceu o Anjo, e ela entrou no salão do palácio com majestoso desembaraço; mas com tão grave modéstia e compostura que, pondo nela os olhos uma imensa multidão de pessoas, ela não levantou os seus para olhar a nenhum. Deram-lhe assento no meio dos filósofos com bastante imediação ao trono do Imperador, que não queria perder-lhe nem uma só palavra. Um dos filósofos empenhou-se desde logo em persuadi-la de que devia tributar reverentes cultos ao sol, sob o título de Apolo, esforçando-se a provar que por só sua formosura merecia ser adorado, ainda quando por outra parte não produzisse tão vantajosas utilidades ao mundo; porque ele regula as estações do ano; ele fertiliza os campos com as messes; ele produz os metais nas entranhas da terra; ele pinta as flores com variedade tão formosa de matizes; ele lhes comunica aquela suavíssima fragrância de odores esquisitos; e ele, enfim, com seu calor e seu influxo infunde espírito vital em tudo quanto o tem. Donde concluiu que não se lhe podiam disputar as honras de divino, posto que por sua virtude sustentava toda a natureza. Pareceu a Maximino tão concludente este argumento que deu Catarina por invencivelmente convencida. Mas ficou extraordinariamente surpreendido quando ouviu a prodigiosa facilidade com que se desembaraçou de tudo. Em primeiro lugar citou o testemunho do mesmo Apolo para provar a divindade de Jesus Cristo: depois fez demonstração de que, se o sol é o mais formoso de todos os astros, toda a luz com que brilha a deve à magnificência de Deus, provando que está sujeito a seu divino poder, pois, quando Jesus Cristo expirou numa cruz pela salvação dos homens, o sol, por assim dizer, viu-se precisado a mostrar seu sentimento, mudando de cor e, a meio-dia, cobrindo de trevas toda a terra. Enfim, disse coisas tão convincentes e tão claras que o filósofo ficou inteiramente persuadido. O Imperador fez sinal aos demais para que saíssem à disputa; mas todos se escusaram, dizendo que todos se davam por vencidos na pessoa daquele que reconheciam como por seu chefe e mestre. Confessaram que não havia mais que um só Deus verdadeiro e que todos estavam prontos a rubricar com seu sangue esta verdade, acrescentando o título de mártires à profissão de cristãos. Oh portentoso triunfo da graça, e quanta verdade é que Deus escolheu as coisas mais fracas para confundir as mais fortes! Chamou Maximino a sua cólera e a seu furor por auxiliares para defender a causa de seus deuses e a defendeu condenando à morte os que a haviam abandonado: recurso feliz que foi causa do mais glorioso triunfo. Passando aqueles sábios de filósofos a Cristãos, sofreram o martírio com invencível constância. Converteu depois o Imperador toda a sua raiva contra Catarina e a fez atormentar cruelmente; mas tudo o sofreu com invicta fortaleza a generosa amante de Jesus Cristo, conquistando para ele muitas almas ainda dentro da mesma cadeia. A imperatriz, Porfírio, coronel da primeira legião, e outros duzentos soldados confessaram a Jesus Cristo e confirmaram com seu sangue esta gloriosa confissão. Catarina foi condenada por Maximino, e a espada homicida abateu ao solo aquela virginal cabeça que havia recusado a coroa do império romano, correndo da ferida leite em lugar de sangue, para mostrar a pureza e a inocência da vítima

sacrificada. Os Anjos que desceram do céu para ser testemunhas de seu combate e para honrar sua morte com sua presença levaram seu corpo e o enterraram no cume do monte Sinai, cantando cânticos de louvores à glória de Deus, que é admirável em seus Santos.

Adição

Não faz menção o P. Croiset do tormento da roda de navalhas que padeceu nossa Santa; mas o omiti-lo não é negá-lo: ou o omitiu por tão sabido, ou deixou de expressá-lo em graça da brevidade que observa no compêndio de todas as vidas, contentando-se com declarar o último suplício que coroou seu martírio. Foi, pois, desta maneira: Vendo o tirano que nenhuma coisa aproveitava, mandou fazer uma máquina de quatro rodas armadas de cravos e pontas agudas e cortantes como navalhas, de tal sorte encaixadas e travadas entre si que, posta a Virgem numa delas e movendo a máquina, fosse despedaçado seu corpo com aqueles horríveis instrumentos. Ataram a valorosa Virgem à máquina e começaram os esbirros a movê-la; mas, não desamparando o Senhor a sua serva neste tormento, subitamente um Anjo do Senhor a desatou, rompendo as ataduras com que estava atada, e desbaratou aquela máquina cruel, destravando umas rodas das outras com tão grande ímpeto que com seu movimento acelerado mataram muitos dos gentios que ali estavam e haviam concorrido a este espetáculo; e outros que ficavam livres davam vozes e clamavam: «Grande é o Deus dos Cristãos.» Esta grande maravilha, não obstante, longe de abrandar o fero Maximino, acrescentou mais sua raiva vendo-se vencido de uma delicada donzela; e, fora de si, mandou degolá-la, segundo fica referido. (Ribadeneira.)

São García, Abade

Este glorioso varão, gozo e ornamento do arcebispado de Burgos, nasceu a princípios do século XI ou a fins do X, em Quintanilla, vila da Bureba entre Belorado e Briviesca. Desde seus ternos anos voltou as costas ao mundo e retirou-se ao mosteiro de São Pedro de Arlanza, que era espelho de santidade naqueles tempos. Floresceu tanto García na observância regular que o rei D. Fernando I, que frequentemente ia a Arlanza, vendo por seus mesmos olhos a prudência, a piedade, o zelo e fervor e demais virtudes e boas prendas deste monge, fez que se lhe encomendasse a abadia daquela casa depois de Aureolo. Era já abade García no ano 1039, como consta de uma escritura de doação feita por Laín González e sua mulher Tigrídia.

Mais de trinta anos governou García aquele mosteiro; fez-se amável a Deus e aos homens; os monges com seu exemplo medraram em santidade; grandes bens fez a Castela o bom odor de todas as virtudes que saía daquela casa. O rei D. Fernando lhe uniu muitos mosteiros para que neles florescesse sua observância; alguns foram concedidos a petição do santo Abade: fez permuta de algumas herdades com o abade de Oña, ao modo que costumavam os de Silos e Cardeña, os quatro de um tempo e todos Santos, franqueando-se mutuamente com verdadeira caridade o que achavam ser útil para seus mosteiros.

Não foi continuada a abadia deste santo Varão até sua morte, como parece haver crido Yepes, mas interrompida com o governo de D. Lope, que era abade de Arlanza pelos anos 1041, e Ariolfo no seguinte. Desde o ano 1030 não vemos naquele mosteiro mais prelado que São García até o de 1073 em que faleceu.

Não constam por documentos os feitos particulares deste servo de Deus; mas, ainda que sua vida foi oculta em Jesus Cristo, a observância regular que florescia então naquele mosteiro dá testemunho da vigilância e bom exemplo de seu Abade. O monge Grimaldo, que vivia pelos tempos de García e morreu perto do ano 1090, o chama varão de vida em tudo venerável e de gloriosa memória por sua feliz perseverança. O poeta Gonzalo de Berceo, monge também, que floresceu já entrado o século XIII, o chama abade santo, servo do Criador, de bondade amador. Acrescentam-se a isto alguns milagres que por sua intercessão operou o céu. De um deles faz memória seu epitáfio, e foi que, estando uma Sexta-feira Santa comendo pão e água com seus monges, lançou a bênção e converteu-se a água em vinho. Grimaldo e Berceo referem outro favor que fez Deus a este santo Prelado, revelando-lhe o sítio onde estavam em Ávila os corpos dos santos mártires Vicente, Sabina e Cristeta, para que os trasladasse a seu mosteiro. Foi isto pelos anos 1061. Mais de dez anos sobreviveu São García a este sucesso; pois o chamou Deus para si no de 1073, em que passou também a melhor vida Santo Domingo de Silos, que se havia achado como ele na trasladação daquelas relíquias.

Seu sepulcro esteve primeiro na parede da nave esquerda da igreja de Arlanza, à parte da capela chamada dos Mártires. No ano 1620 tiraram dali o corpo e o colocaram numa urna na capela dos Mártires. No ano 1725 foi dado à vila de Quintanilla, pátria de nosso Santo, o osso grande da cadeira direita.

É muito recomendável este mosteiro pelas muitas e preciosas relíquias que nele se veneram e pelas alfaias que nele deixou o conde Fernán González, cujo sepulcro está na capela-mor. (Flórez, t. 27, p. 150.)

São Gonçalo, Bispo

Grande obscuridade há acerca do tempo em que governou a igreja de Mondoñedo o santo bispo Gonçalo, cuja notícia se conserva naquela diocese mais por tradição que por documentos antigos. Sandoval coloca sua memória no ano 888, que era o vinte e dois do reinado de D. Afonso III, e diz que este foi o bispo que trasladou a catedral de Bretonha a São Martinho de Mondoñedo. Contra isto observa Flórez que não houve tal trasladação de Bretonha a Mondoñedo, mas estabelecimento da igreja Dumiense pelo bispo Sabarico, que havia morrido antes do ano 877, em que presidia em São Martinho o bispo Rudesindo. E, como este Prelado ocupou a sé o que faltava de todo aquele século e parte do seguinte, não pôde colocar-se São Gonçalo no ano 888. Muito menos poderá no ano de 850 em que o pôs o fingido Luitprando, pois então não havia tal sede de São Martinho de Mondoñedo e muito menos a de Valibria (cujo título lhe dá também), para cujo estabelecimento faltavam mais de duzentos anos.

Não seria tão difícil fixar esta época se constasse cuja era a armada que dizem haver destroçado este santo Bispo com o poder de sua oração. Sandoval julga que esta armada era de mouros, os quais, capitaneados por seu general Abdelhamid, com o desígnio de fazer dano nas costas da Galiza, chegaram à vista de Ribadeo e Vivero. Mas foi tão grande, diz, a tempestade que todos pereceram e com muito trabalho se salvou o General com outros poucos. Teve-se isto, acrescenta, por milagre que Nosso Senhor operou pelos méritos de D. Gonçalo, bispo santo de Mondoñedo. Outros creem que as naus eram dos normandos, cuja chegada à parte de Gijón e da Corunha nomeia o *Cronicón* de Sebastião no reinado de D. Ramiro I, isto é, pela metade do século IX.

Em todo o território de São Martinho é célebre a memória deste Bispo, e o têm por Santo e lhe dão culto. Fundou-se na antiguidade uma ermida no sítio aonde dizem haver ido o Santo acompanhado do clero e do povo, e por sua oração viram submergir-se as naus, sem ficar mais que uma que desse esta nova aos seus. Dista a ermida um quarto de légua de São Martinho; dela se avistam muitas léguas de mar.

O sepulcro do santo Bispo está não em Lorenzana, mas em São Martinho de Mondoñedo. É de pedra tosca, algo elevado do solo. Põem sobre ele uma mesa de altar para dizer missa; alguns bispos têm celebrado ali por especial devoção. A urna tem três chaves, que guardam o bispo, seu cabido e o prior de São Martinho. No ano 1648 a abriu o senhor bispo D. Francisco de Torres e achou o cadáver descarnado, mas os ossos unidos, dos quais saiu uma maravilhosa fragrância. Com o cadáver havia um báculo dourado, retalhos dos ornamentos incorruptos e um cíngulo de ouro e seda. O mesmo se achou em outro reconhecimento que se fez no ano 1704. (Flórez, t. 18, pág. 293; e Sandoval nos *Cinco bispos*, pág. 247.)

Missa (oração)

A missa é em honra de Santa Catarina, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui dedisti legem Moysi in summitate montis Sinai, et in eodem loco, per sanctos angelos tuos corpus beatæ Catharinæ, virginis et martyris tuæ, mirabiliter collocasti: præsta, quæsumus, ut ejus meritis et intercessione, ad montem qui Christus est pervenire valeamus. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, que destes a lei a Moisés no cume do monte Sinai e dispusestes fosse enterrado no mesmo lugar, por ministério de vossos santos Anjos, o corpo de vossa bem-aventurada virgem e mártir Catarina: suplicamo-vos nos concedais que, por seus merecimentos e por sua intercessão, possamos chegar ao monte que é Jesus Cristo. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 51 do Eclesiástico.

Eclesiástico 51,1-12

> **Latim:** [1] Oratio Jesu filii Sirach. Confitebor tibi, Domine rex, et collaudabo te Deum salvatorem meum. [2] Confitebor nomini tuo, quoniam adjutor et protector factus es mihi, [3] et liberasti corpus meum a perditione : a laqueo linguæ iniquæ, et a labiis operantium mendacium : et in conspectu astantium factus es mihi adjutor. [4] Et liberasti me, secundum multitudinem misericordiæ nominis tui, a rugientibus præparatis ad escam : [5] de manibus quærentium animam meam, et de portis tribulationum quæ circumdederunt me ; [6] a pressura flammæ quæ circumdedit me, et in medio ignis non sum æstuatus ; [7] de altitudine ventris inferi, et a lingua coinquinata, et a verbo mendacii, a rege iniquo, et a lingua injusta. [8] Laudabit usque ad mortem anima mea Dominum, [9] et vita mea appropinquans erat in inferno deorsum. [10] Circumdederunt me undique, et non erat qui adjuvaret : respiciens eram ad adjutorium hominum, et non erat. [11] Memoratus sum misericordiæ tuæ Domine, et operationis tuæ, quæ a sæculo sunt : [12] quoniam eruis sustinentes te, Domine, et liberas eos de manibus gentium.

Português: [1] Oração de Jesus, filho de Sirac: Glorificar-te-ei, soberano rei, louvar-te-ei Deus, salvador meu. [2] Glorificarei o teu nome: Porque te fizeste o meu ajudador e protetor, [3] e livraste ao meu corpo da perdição, do laço da língua iníqua, e dos lábios dos forjadores da mentira, e à vista dos que estavam contra mim te declaraste meu ajudador. [4] E me livraste, segundo a grandeza da misericórdia do teu nome, dos que rugiam, preparados para me devorarem. [5] Das mãos dos que procuravam tirar-me a vida, e das portas das tribulações que me cercaram: [6] Da violência da chama, que me cercou, e eu no meio do fogo não senti o calor: [7] Das profundas entranhas do inferno, e da língua impura, e da palavra de mentira, dum rei iníquo, e da língua injusta: [8] A minha alma louvará o Senhor até à morte, [9] pois a minha vida perto estava de dar consigo nas profundezas do inferno. [10] Cercaram-me de tôdas as partes, e não havia quem me ajudasse. Estava olhando para o socorro dos homens, e não aparecia. [11] Lembrei-me da tua misericórdia, Senhor, e das tuas obras, que existem desde o princípio dos séculos: [12] Porque livras aos que esperam em ti, Senhor, e os salvas das mãos das nações.

Reflexões

Livrastes-me da violência da chama que me circundava. Esta chama que nos rodeia pode-se dizer que é a paixão dominante, a qual sempre excita no homem um horrível incêndio que quase nunca se apaga; e para extingui-lo quase sempre é mister como uma espécie de milagre. A paixão dominante sempre reina como tirana; não dá passo que não seja um excesso. A todas as nossas paixões convém a razão geral de ser extremadas e violentas em todas as suas coisas; todos os movimentos de nosso coração têm seus particulares e determinados objetos; a paixão não tem outro que o excesso, sendo tão essencial nela o exceder e romper todos os limites como o é à razão o prescrevê-los e conter-se dentro deles. Se uma vez se deixa livre o curso às paixões, não há que esperar que nada as detenha, porque um desejo chama a outro. Aceso uma vez o fogo, vai crescendo, vai-se dilatando e abrasa tudo quanto se lhe apresenta; o que não pode abrasar e consumir, ao menos o esquenta, ainda que seja o mesmo bronze; que digo o esquenta? Dissolve-o e derrete-o. Mas nisto excede muito a todas as demais a paixão dominante. É fogosa e sempre tiraniza onde manda. O que começa a ser seu escravo para em ser sua vítima. Logo que começa a dominar, apodera-se de todas as faculdades da alma. Ela é a que pensa, a que julga, a que sentencia, a que decide, a que tudo arruma segundo seu capricho: ela desvia tudo o que pode apagar o incêndio que excitou. Tudo cede à paixão dominante: o natural, a educação, a honra, a reputação, o interesse e até a mesma Religião: ela é a que povoa o inferno, falando em propriedade. Será isto porque é impossível apagá-la? Não; mas é porque a paixão dominante num instante se apodera da alma, cobrando sobre ela um tirânico predomínio. Não sabe obedecer aos que não a sabem sujeitar. Comparam-se as paixões no coração do homem aos ventos do mar. Como os ventos agitam o mar e turbam sua calma, do mesmo modo as paixões formam tempestades no coração e alteram sua tranquilidade. Já levanta a cólera borrascas, já reina o vento do orgulho, já sopra o da vanglória, e todos nos desviam a muitas léguas do porto. Umas vezes a impaciência, outras a inveja ou algum desordenado desejo; mas por fim estes ventos amainam alguma vez, acalmam e dão tréguas; mas a paixão dominante não entende disso, nunca cede. É um fogo que sempre cresce e nunca se apaga. De certa maneira se pode dizer que a paixão dominante é como um gênero de pecado original que, sendo uma espécie, produz e fomenta todos os demais; porque, logo que uma paixão governa e reina com império no coração, induz-nos a todos aqueles pecados que podem servir para contentá-la e para satisfazê-la. Ainda que se tenha natural horror a outros vícios, como estes conduzam a dar gosto à paixão, vamos a eles por um peso que nos arrasta, por um encanto que nos fascina, por uma lei que nos tiraniza. Não só é a paixão dominante funesta causa de todos os nossos pecados, mas a verdadeira origem de todas aquelas falsas máximas, de todos os errados princípios sobre que fundamos nossa errônea consciência. Os demais vícios podem ser-nos forasteiros ou, por assim dizer, como adventícios; mas a paixão dominante é nosso próprio e nosso verdadeiro caráter. O fruto de uma verdadeira conversão é vencer a paixão que reina em nós: é conceber um vivo horror a esta paixão imperiosa para combatê-la depois sem tréguas nem intermissão. Só com esta vitória ficaremos a coberto contra todas as tentações do inimigo. Aos demais vícios se declara a guerra sem dificuldade; mas a este ordinariamente se perdoa como ao vício favorecido. Considera quanto importa vencer inteiramente, destruir e aniquilar a paixão dominante.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus.

Mateus 25,1-13

> **Latim:** [1] Tunc simile erit regnum cælorum decem virginibus : quæ accipientes lampades suas exierunt obviam sponso et sponsæ. [2] Quinque autem ex eis erant fatuæ, et quinque prudentes : [3] sed quinque fatuæ, acceptis lampadibus, non sumpserunt oleum secum : [4] prudentes vero acceperunt oleum in vasis suis cum lampadibus. [5] Moram autem faciente sponso, dormitaverunt omnes et dormierunt. [6] Media autem nocte clamor factus est : Ecce sponsus venit, exite obviam ei. [7] Tunc surrexerunt omnes virgines illæ, et ornaverunt lampades suas. [8] Fatuæ autem sapientibus dixerunt : Date nobis de oleo vestro, quia lampades nostræ extinguuntur. [9] Responderunt prudentes, dicentes : Ne forte non sufficiat nobis, et vobis, ite potius ad vendentes, et emite vobis. [10] Dum autem irent emere, venit sponsus : et quæ paratæ erant, intraverunt cum eo ad nuptias, et clausa est janua. [11] Novissime vero veniunt et reliquæ virgines, dicentes : Domine, domine, aperi nobis. [12] At ille respondens, ait : Amen dico vobis, nescio vos. [13] Vigilate itaque, quia nescitis diem, neque horam.

Português: [1] ENTÃO será semelhante o reino dos ceos a dez virgens: que tomando as suas alampadas, sahirão a receber o esposo e a esposa. [2] Mas cinco de entre ellas erão loucas, e cinco prudentes: [3] as cinco porém que erão loucas, tomando as suas alampadas, não levarão azeite consigo: [4] mas as prudentes levárão azeite nas suas vasilhas juntamente com as alampadas. [5] E tardando o esposo, começárão a tosquenejar todas, e assim vierão a dormir. [6] Quando á meia noite se ouvio gritar: Eis-ahi vem o esposo, sahi a recebello. [7] Então se levantárão todas aquellas virgens, e preparárão as suas alampadas. [8] E disserão as fatuas ás prudentes: Dai-nos do vosso azeite: porque as nossas alampadas se apagão. [9] Respondêrão as prudentes, dizendo: Para que não succeda talvez faltar-nos elle a nós e a vós, ide antes aos que o vendem, e comprai o que haveis mister. [10] E em quanto ellas forão a comprallo, veio o esposo: e as que estavão apercebidas entrárão com elle a celebrar as vodas, e fechou-se a porta. [11] E por fim vierão tambem as outras virgens, dizendo: Senhor, Senhor, ábre-nos. [12] Mas elle respondendo, lhes disse: Na verdade vos digo que vos não conheço. [13] Vigiai pois, porque não sabeis o dia, nem a hora.

Meditação

Da falsa confiança

Primeiro ponto

Considera que tanto se peca pela pouca confiança como pela demasiada. A primeira nasce de uma culpável pusilanimidade; a segunda, de um fundo de orgulho que Deus olha com horror. A verdadeira confiança funda-se na infinita bondade e na onipotência de um Deus que quer que o consideremos como nosso Pai; e esta confiança é uma prova tão sensível de nossa fé que incessantemente no-la recomenda o Senhor como condição indispensável, sem a qual não serão ouvidas nossas orações e com a qual oferece não negar-nos coisa que lhe peçamos. Mas há outra confiança presunçosa, outra confiança falsa que não merece o nome desta virtude. Consiste esta em certa opinião demasiadamente vantajosa que alguém tem de si mesmo: numa esperança fundada em sua imaginária virtude e nas singulares graças que Deus se dignou conceder-nos. É fácil conhecer quanto nos engana esta falsa confiança.

Conta-se com as boas máximas que se têm, com o hábito de virtude de que alguém se lisonjeia, com uma falsa segurança que sempre é efeito de uma cega confiança. Ainda que não houvesse outro pecado que esta estima própria, era muito bastante diante de Deus para que sua Majestade nos humilhasse e nos confundisse. Que homem pode racionalmente presumir de sua fidelidade e de sua perseverança, ainda nas ocasiões mais comuns e ordinárias? Têm-se visto cair as mais robustas colunas da Igreja, as quais parece que nos podiam sustentá-la: têm-se visto eclipsar os astros mais luminosos, depois de haver alumiado por largo tempo os fiéis com o resplendor de sua virtude. Viu-se um Salomão, dotado por Deus com extraordinária sabedoria, precipitar-se nos maiores excessos; viu-se um apóstolo, escolhido pelo mesmo Jesus Cristo e ensinado em sua escola, passar a ser um apóstata traidor; viram-se cair em erros e em desvarios muitos homens grandes depois de haver feito milagres. E à vista disto confiará aquele temerário em seu presumido fervor e numa virtude sempre caduca, sempre inconstante nesta miserável vida! Ah Senhor, esta só falsa confiança basta para precipitar-nos em funestíssimas quedas ainda dentro do mesmo caminho da perfeição!

Segundo ponto

Considera que não é menos insuficiente nem menos falsa a confiança nas graças que temos recebido do Senhor, se não está acompanhada de uma humilde desconfiança de nós mesmos; e se, expondo-nos imprudentemente às mais perigosas tentações, confiamos demasiado naqueles auxílios extraordinários que nega Deus aos orgulhosos e franqueia com mão liberal aos humildes.

Reflete bem a resposta que deu o Salvador a seus discípulos quando se mostraram tão ufanos com o poder que o mesmo Senhor lhes havia concedido para lançar os demônios: *Eu vi Satanás que caía precipitado do céu com a velocidade com que se desprende o raio da nuvem.* Como se lhes dissera: «Guardai-vos bem de engrandecer-vos pelas graças que vos tem concedido minha bondade; maiores foram as que dispensei àqueles espíritos puros que criei para que compusessem minha corte. Dotei-os de mais excelentes dons; fi-los as mais nobres criaturas de todo o universo; coloquei-os no céu onde ocupavam as primeiras cadeiras; e com tudo isso sua presunção os precipitou nos abismos.» O que mais graças tem recebido do Senhor mais estreita conta tem que dar a sua justiça: os favores mais assinalados impõem maior obrigação de fidelidade e de agradecimento. *Trabalha no negócio de tua salvação com temor e com tremor*, diz o Apóstolo. Não contes nem com essa exata pureza de costumes nem com essa inocência de muitos anos; é uma

flor que um só sopro a murcha; um golpe de vento afunda no mar o navio mais ricamente carregado; pouco ar é mister para apagar a tocha mais acesa. Bom Deus, quantos perecem por uma falsa segurança!

As paixões jamais se domesticam, nem o inimigo da salvação se ganha nunca pelo caminho da complacência. É homem perdido o que não está sempre em vela. Não fala o Salvador com pecadores de profissão. Quando recomendou tanto o conselho de velar e orar sem intermissão, falava com os três discípulos mais favorecidos, com os apóstolos mais fervorosos e mais santos. Expões-te aturdidamente aos maiores perigos de pecar e não temes cair porque foste fiel até aqui. Que ilusão, que confiança tão mal fundada! De muitos combates havia saído vitorioso Davi: quantos progressos havia feito na virtude! Contudo, Davi, aquele homem segundo o coração de Deus, cai miseravelmente nos mais enormes pecados logo que não desconfiou de sua fraqueza. Poucas tentações se devem temer mais que a falsa confiança: basta um só pecado para perder num instante todo o mérito da mais santa vida. *Depois que fizerdes tudo o que vos tiver sido mandado*, diz Jesus Cristo, *dizei: Somos servos inúteis.* Bem-aventurado aquele que sempre está temeroso e que sempre desconfia de si mesmo.

Meu Deus, e quanto tenho de que acusar-me neste particular! Minhas recaídas efeito têm sido de minha demasiada confiança, ou por melhor dizer, de minha temerária presunção. Só devo confiar, Senhor, em vossa graça; e assim em Vós só coloco toda a minha confiança. Vós sois minha única esperança e toda a minha fortaleza; e eu sou a fraqueza mesma, e por isso jamais perderei de vista meu nada.

Jaculatórias

Bem-aventurado o homem que desconfia de si mesmo e está sempre cheio de um santo temor. (Pr 28.)

Eu por mim, Senhor, reconheço que não tenho coisa boa; tudo sou pobreza e miséria: minha confiança e minha saúde toda a tenho posta em Vós. (Sl 67.)

Propósitos

1. É a presunção uma opinião ou um conceito demasiadamente vantajoso que cada um faz de si mesmo. A maior prova de que alguém se conhece pouco é estimar-se em muito; o que ignora sua fraqueza, nisso mesmo acredita seu pouco entendimento; contar com a própria virtude é manifestar que não se tem. Por isso não deve causar admiração que as almas presumidas caiam em tão funestos precipícios. Compraz-se Deus em confundir o orgulho. Escarmenta em cabeça alheia e ensinem-te tão lastimosos exemplos a desconfiar de ti mesmo. Reconhece tua fraqueza e tua propensão ao mal. Lembra-te continuamente de que deves obrar tua salvação com temor e com tremor, segundo a frase do Apóstolo: não há virtude tão velha nem hábito dela tão arraigado

que nos dispense neste saudável temor. Teme perpetuamente as surpresas dos sentidos, os artifícios das paixões e os laços que armam a tua inocência tantos e tão perigosos objetos. Teme a teu mesmo espírito e a teu próprio coração: teme-te a ti mesmo, porque nesta vida tudo é risco. Jamais te esqueças deste oráculo do Apóstolo: *Bem-aventurado o homem que sempre teme ofender a Deus.*

2. Mas não basta temer; é necessário aplicar todos os meios para livrar-se daquilo que se teme. Faze hoje um propósito eficaz de fugir de tudo quanto possa ser ocasião de pecado para ti; de não concorrer a tal parte, de não visitar tal pessoa, de não falar em tal assunto, de não jogar tal jogo, de escusar-te de tal diversão, de não ler tal livro, de não repreender com cólera a teus filhos nem a teus criados: numa palavra, de evitar tudo o que pode ser prejudicial a tua fidelidade e a tua inocência. Não te fies de tua resolução nem de tua passada fidelidade. Nenhuma coisa obriga mais o Senhor para assistir-nos com sua graça particular que a humilde desconfiança de si mesmo; e, pelo contrário, nenhuma outra o irrita tanto como a segurança presunçosa. Se queres manter-te em graça, foge das ocasiões.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:55:08 by Admin
Updated 20 November 2026 20:55:08 by Admin